

ÓBITOS POR COVID-19 EM PACIENTES SEM COMORBIDADES EM UM HOSPITAL DE REFERÊNCIA

Júlia Ferreira Balan^{a,*}, Bianca Carlos Nascimento^a,
Flávia Queiroz^b, Taiza Maschio de Lima^b,
Lina de Moura Mendes^b, Alana Augusta de Menezes^b,
Letícia Olmos Pelegrini^b, Márcia Wakai Catelan^b,
Maria Lúcia Machado Salomão^a

^a Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto (FAMERP),
São José do Rio Preto, SP, Brasil;

^b Fundação Faculdade Regional de Medicina de São José do
Rio Preto (FUNFARME), São José do Rio Preto, SP, Brasil

Introdução/Objetivo: A COVID-19, doença considerada pandêmica desde março de 2020, apresenta evolução espectral, desde casos assintomáticos até casos leves com Síndrome Gripal ou casos graves com evolução para Síndrome Respiratória Aguda Grave e óbito, sendo que diversos fatores já foram constatados como possíveis responsáveis por esse desfecho, como doença cardiovascular, pulmonar e neurológica. Todavia, ainda há pacientes sem comorbidades prévias que tem o curso desfavorável. O estudo possui por objetivo analisar nos casos de óbito por COVID-19, em paciente sem comorbidades, as condições que podem estar associadas a uma evolução desfavorável.

Métodos: Trata-se de um estudo retrospectivo realizado a partir da análise de casos de óbitos por Síndrome Respiratória Aguda Grave devida COVID-19 em pacientes sem comorbidades atendidos no Hospital de Base de São José do Rio Preto entre março de 2020 e fevereiro de 2022. Os dados retrospectivos foram coletados do Sistema de Informação de Vigilância Epidemiológica da Gripe e de prontuário eletrônico.

Resultados: No período de análise 6.640 pacientes foram hospitalizados, destes 5.678 (85,5%) foram excluídos das análises por apresentarem comorbidades. Dentre os pacientes sem comorbidades (962 [14,5%]), 80 (8,3%) foram óbitos, sendo estes comparados com 80 pacientes hospitalizados por COVID-19 que receberam alta hospitalar (grupo controle). Foi observado que nos três primeiros dias de internação, os pacientes que foram a óbito tiveram maiores valores de proteína C-reativa ($p=0,001$), D-dímero ($p=0,002$), creatinina sérica ($p=0,008$) e maior proporção de indivíduos com taxa de filtração glomerular estimada < 60 mL/min/1,73 m² ($p=0,023$). As taxas de admissão em UTI foram maiores nos casos de óbitos ($p < 0,001$), assim como a necessidade de suporte ventilatório invasivo ($p < 0,001$). Não houve diferenças em relação ao sexo, idade, etnia, nível educacional, período de admissão e o tempo entre o início dos sintomas e a admissão, exceto para o desconforto respiratório ($p=0,047$).

Conclusão: Pacientes com COVID-19 sem comorbidades que foram a óbito apresentaram com maior frequência desconforto respiratório, valores maiores de proteína C-reativa, D-dímero e creatinina, maiores taxas de admissão em UTI e necessidade de suporte ventilatório invasivo, quando comparados aos sobreviventes. Assim, acredita-se que tais fatores estão implicados em um desfecho desfavorável, os quais podem ser utilizados para acompanhar a progressão da doença.

Palavras-chave: COVID-19 Comorbidade Óbito

EDUCAÇÃO MÉDICA EM INFECTOLOGIA

A REALIDADE VIRTUAL NA SAÚDE: AMPLIANDO A EXPERIÊNCIA DE ESTUDANTES COM HIV

Melissa Soares Medeiros*,
Thais Gomes de Matos Azevedo,
Ana Karoliny Martins Ponceano,
Kustodyo Feitosa Custodio,
Guilherme Dourado Aragão Sá Araujo,
Jade Rocha Melo, Sofia dantas pinto monteiro,
Cecília Braga Tabosa Pacheco,
Julie Anne Melo Albuquerque, Rodrigo Carvalho Paiva,
Clara Farias Otoni, Lygia Gomes de Alencar Araripe,
Carlos Arthur Fernandes Sobreira

Centro Universitário Christus (Unichristus), Fortaleza, CE,
Brasil

Introdução/Objetivo: Este estudo teve como objetivo avaliar a experiência de estudantes de mestrado em educação e tecnologias em saúde ao utilizar a realidade virtual (RV) para visualizar um caso clínico de entrega de diagnóstico e consulta inicial de um paciente com HIV. Buscamos investigar a aceitação, facilidade de uso, emoções evocadas e percepções dos estudantes em relação ao uso da RV.

Métodos: Fase 1 - filmagem em 360° de um caso clínico, em que um médico entregava o diagnóstico e realizava a consulta inicial com um paciente vivendo com HIV, na presença de estudantes (os alunos eram os atores). Fase 2 - Os estudantes foram convidados a assistir ao filme dessa experiência usando dispositivo de RV da Meta (Q-quest2). Após a visualização, os participantes responderam a um questionário de avaliação, com respostas no formato de escala likert (5 gradações).

Resultados: Dos estudantes participantes, 66,5% eram do sexo masculino. Observamos que 64% dos estudantes nunca haviam participado de atividades com RV anteriormente. Embora 9% dos participantes tenham relatado desconforto (cefaleia e tontura) durante a experiência, a maioria (64%) achou o sistema fácil de usar e acreditou que as pessoas aprenderiam a utilizá-lo rapidamente. Em relação às emoções evocadas, a escala revelou que a ansiedade foi relatada como "muito intensa" por 11,1% dos estudantes, enquanto 22,2% não concordaram nem discordaram dessa emoção. Medo foi relatado como "nem concordo nem discordo" por 33% dos estudantes, e felicidade foi descrita como "muito intensa" por 22,2% dos participantes. Culpa foi ausente para 88,9% dos estudantes, surpresa recebeu concordância de 66,7% e tristeza foi discordada por 88,9% dos participantes. As avaliações individuais destacaram o interesse e a percepção de que a RV será parte integrante de nossas vidas no futuro, bem como a possibilidade de melhorias no ensino por meio do uso da tecnologia.

Conclusão: A utilização da realidade virtual como ferramenta para a visualização de casos clínicos de pacientes com HIV mostrou-se promissora para a educação em saúde. Os estudantes relataram emoções variadas durante a experiência, sendo a ansiedade e a felicidade as mais destacadas. Os resultados indicam que a RV é percebida como uma

ferramenta de fácil utilização e que desperta interesse e potencial para melhorar o ensino. Estudos futuros devem aprofundar a análise das emoções e investigar o impacto da RV no aprendizado e na prática clínica.

Palavras-chave: Realidade Virtual Ensino HIV

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2023.102951>

ATUALIZANDO A COMUNICAÇÃO EM SAÚDE: A EXPERIÊNCIA NA INFECTOLOGIA DE UMA PÁGINA DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA NAS REDES SOCIAIS

Artur Henrique Vaz de Oliveira*

Infectofobia, São Paulo, SP, Brasil

Introdução: Na última década, com a modernização dos celulares e outros dispositivos portáteis, houve uma revolução na comunicação e no acesso às informações, provocada principalmente pela popularização de diversas redes sociais, que representam uma forma moderna e democrática de divulgar trabalhos e produtos e são uma importante fonte de informações. Essas informações são compartilhadas, muitas vezes sem avaliação da fonte, gerando expectativas e ansiedade na população, muitas vezes de forma equivocada, podendo contribuir para não adesão a estratégias adequadas de saúde pública, exemplo recente vivenciado durante a pandemia de Covid19. Avaliando a necessidade de melhoria e adequação nos meios de comunicação, trazendo para a modernidade uma nova maneira de divulgar informações de forma séria, ampla e acessível, iniciei a busca por uma estratégia capaz de atingir toda a população, com foco maior na geração Z, visto que meios tradicionais como TV e rádio são pouco utilizados por este grupo.

Metodologia: Lançado em 28/11/2021 o “Infectofobia - Infectologia sem terror”, perfil na rede social Instagram, tendo como objetivo ampliar a relação das pessoas com a infectologia, esclarecendo dúvidas, aprofundando discussões, atualizando, desmistificando e estimulando reflexões científicas. A comunicação do perfil é feita por meio de postagens com linguagem acessível e lúdica, com identidade visual colorida e ilustrada com personagens próprios da página, com referências à cultura pop (séries, filmes, etc), datas comemorativas e acontecimentos cotidianos, despertando identificação das pessoas com o assunto exposto. Os temas abordados variam com os acontecimentos, como novas descobertas, notificações de infecções, atualizações terapêuticas e diagnósticas e datas temáticas, além de temas solicitados por seguidores.

Resultados: Atualmente com 712 publicações e mais de 5.000 seguidores, sexo feminino (58%), adultos jovens (48%) com extremos de 13 a 65+ anos. Nota-se um crescente interesse pelas publicações, com progressão no número de seguidores, compartilhamento das postagens por profissionais da área da saúde, para com colegas e pacientes e também por não profissionais da saúde.

Conclusão: O perfil “Infectofobia - Infectologia sem terror”, evidencia a necessidade de implantação de novas estratégias de divulgação na área da saúde e de adequação a evolução das tecnologias e das demandas específicas de diferentes

gerações, para ampla acessibilidade de informações científicas.

Palavras-chave: Redes sociais Instagram Educação em saúde Divulgação científica Comunicação

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2023.102952>

AVALIAÇÃO DA SAÚDE DE PACIENTES VIVENDO COM HIV EM CLÍNICA ESCOLA DE MEDICINA UTILIZANDO IOTS (INTERNET DAS COISAS)

Melissa Soares Medeiros^{a,*}, Camila Dória Mota^a,
Ana Luiza Pinheiro Campêlo^a,
Paulo Marcelo Ferreira da Rocha Filho^a,
Thais Gomes de Matos Azevedo^a,
Ana Karoliny Martins Ponceano^a, Jade Rocha Melo^a,
Guilherme Dourado Aragão Sá Araujo^a,
Sofia Dantas Pinto Monteiro^a,
Jullie Anne Melo Albuquerque^a,
Isaac Dantas Sales Pimentel^a,
Lauro Vieira Perdigão Neto^b,
Tânia Maria da Silva Coelho^b

^a Centro Universitário Christus (Unichristus), Fortaleza, CE, Brasil;

^b Hospital São José (HSJ), Fortaleza, CE, Brasil

Introdução/Objetivo: O uso de Internet das Coisas (IoT) para avaliar a saúde de pacientes vivendo com HIV tem o potencial de fornecer uma abordagem inovadora e eficiente no monitoramento contínuo e remoto de sua condição médica. A IoT refere-se à conexão de dispositivos físicos à internet, permitindo a coleta e o compartilhamento de dados em tempo real. Ao aplicar a IoT no contexto do HIV, podem ser utilizados dispositivos vestíveis, sensores e outros dispositivos conectados para coletar informações sobre os pacientes.

Métodos: Utilizado durante avaliação de pacientes em consulta ambulatorial com estudantes de medicina IoTs: kardia 6 derivações, dinamômetro eletrônico, balança de bioimpedância.

Resultados: Foram avaliados 31 pacientes. A média de idade dos pacientes foi de 38,7 anos, e a maioria dos participantes era do sexo masculino (29 pacientes).

Atividade Física: Cerca de metade dos pacientes (14) relataram fazer atividade física regularmente, o que é positivo para a saúde geral. Índice de Massa Corporal (IMC): A média de IMC foi de 27,1, indicando que, em média, os pacientes estavam acima do peso. Além disso, nove pacientes apresentavam sobrepeso e oito pacientes foram classificados como obesos. Composição Corporal: Quatorze pacientes apresentaram alta ou muito alta percentagem de gordura corporal, e 15 pacientes apresentaram baixa massa muscular. Nenhum paciente apresentou alteração na massa óssea. Proteína e Gordura Visceral: Três pacientes apresentaram níveis baixos de proteína, e nove pacientes tiveram gordura visceral em nível de alerta, o que indica uma distribuição de gordura menos favorável. Idade Metabólica e Risco Cardiometabólico: Treze pacientes apresentaram idade metabólica mais alta, e 13 pacientes estavam em risco com base na circunferência